

# A FRAGILIDADE HUMANA E A QUESTÃO DA LINGUAGEM

CID VALE DE SOUSA

**Resumo:** O especialista na clínica psicodinâmica entende a fragilidade humana como o mais pungente sofrimento do homem. Podemos discutir a questão sobre qual linguagem será a mais adequada para falar sobre nosso viver e sofrer. A linguagem de Aristóteles, segundo Martha Nussbaum, parece ser uma forte alternativa sobre que escolha fazer. O especialista clínico identificará uma notável semelhança entre sua própria linguagem e a de Aristóteles. Pretendemos apontar que a linguagem aristotélica é a única que nos parece compatível com o pensar e dizer da experiência clínica.

**Abstract:** The specialist in clinical psychodynamics regards human fragility as the most poignant of man's ordeals. We can discuss which language is more suitable to discuss our lives and sufferings. Aristotle's language, according to Martha Nussbaum, seems a strong alternative as to which language should be chosen. The clinical specialist will find a remarkable resemblance between his own language and Aristotle's. We intend to show that the aristotelic language is the only one that seems to us compatible with the thinking and talking of clinical experience.

**Palavras-chave:** fragilidade, emoções, linguagem, terapêutica  
fragility, emotions, language, therapeutics

Início esta exposição com duas citações:

... Na propriedade de Levine um homem e uma mulher se encontram, dois seres solitários, melancólicos. Eles se gostam e desejam, secretamente, unir suas vidas. Esperam apenas a ocasião de se acharem a sós por um momento e de dizê-lo. Um dia, afinal, se encontram, sem testemunhas, em um bosque onde foram colher cogumelos. Confusos, calam-se, sabendo que o momento chegou e que não devem deixá-lo escapar. Quando o silêncio já dura muito, a mulher, subitamente, 'contra sua vontade e de modo inopinado', começa a falar sobre cogumelos. Depois, há ainda um silêncio, o homem procura as palavras para sua declaração, mas ao invés

---

Cid Vale de Sousa é professor de Psicologia Clínica na Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil.

de falar de amor, 'devido a um inesperado impulso'... ele também fala sobre cogumelos. No caminho de volta, continuam a falar de cogumelos, impotentes e desesperados, pois jamais, sabem, se falarão de amor...<sup>1</sup>

...Eu não consigo entender nem como, nem porque, nem cumprindo que misteriosos desígnios, uma pessoa como eu, filho obediente, educado como cristão, estudante aplicado, marido fiel e médico consciencioso, que pretendia se dedicar a aliviar a dor humana, pôde ter se transformado no que alguns consideram, talvez até com justiça, um monstro. Como foi possível isso que, na falta de explicação, eu chamei de conspiração do destino? Não sou sentimental, nem cultivo a autopiedade, mas se você me olhasse nos olhos veria que estão úmidos pela dor de ter feito da minha vida irremediavelmente o contrário do que ela deveria ser. E esta vida é tudo que me resta...<sup>2</sup>

Os dois trechos acima falam sobre a fragilidade humana, isto é, falam da relação entre o que consideramos como nosso “eu” consciente, conscientemente legitimado, e forças pertencentes aos ambientes nos quais estamos inseridos e que se revelam mais fortes que nossa vontade. As situações descritas são de especial interesse para o psicólogo, porque mostram vontades mais poderosas que nossa vontade legitimada agindo em nossa própria mente. Descobrimos que sequer nosso ‘eu’, reconhecido como tal, é realmente nosso.

Este é um problema absolutamente fundamental para a clínica. Toda a psicopatologia é uma imensa instância da fragilidade humana. O termo técnico “resistência”, embora seja importante do ponto de vista operativo, é pobre com relação à possibilidade de comunicar a dramaticidade da luta de cada cliente verdadeiramente empenhado na tarefa terapêutica. Estas lutas se caracterizam exatamente nos termos das citações acima: aqueles que são os maiores desejos de uma pessoa, muito freqüentemente, ou mais do que isto, encontram nela mesma os maiores obstáculos. Até mesmo a teoria psicanalítica pode dar uma descrição algo prosaica dessas situações. Mas o caráter realmente trágico de muitos casos tem que estar sempre presente na percepção do analista.

O primeiro argumento que pretendo enunciar aqui é o de que esta questão deve ser investigada, tanto por sua importância, quanto pelo fato

---

1. Esta passagem está em KUNDERA. M. **A arte do romance**. 1986, pág. 55, referindo-se a um trecho de “Ana Karenina” de Tolstoi. Levine é um personagem do romance.

2. Este trecho está na página 14 do livro **Nem mesmo todo o oceano**, de Alcione ARAÚJO. Trata-se de um romance que conta a estória de um médico que foi trabalhar junto ao DOI-CODI na época da ditadura brasileira.

de que nem sempre o especialista em psicodinâmica está realmente atento para essas realidades humanas que o artista – escritor aponta. Assim, por exemplo, a “descoberta” do inconsciente foi, sem dúvida, um passo fundamental na elaboração de um entendimento mais organizado sobre a fragilidade humana. Porém, este conhecimento muitas vezes é vivido pelo profissional como evidência de um poder maior sobre as outras pessoas em geral e sobre seu cliente em particular. Como se o analista, pelo menos em parte, superasse a fragilidade humana.

Felizmente a própria psicanálise oferece, aos que são honestos e corajosos o suficiente, a melhor solução para a onipotência profissional: a teoria da transferência. É na teoria da transferência que se contextualizam as pequenas (e também as grandes) jóias clínicas como, por exemplo, a seguinte: ao final de uma hora de sessão com um paciente esquizofrênico, na qual o único som que se ouviu foi o dos sucessivos arrotos do paciente, o analista, cansado e irritado, disse, de modo forçadamente gentil e polido, que a sessão tinha terminado. Imediatamente, o paciente respondeu: “vá para o inferno seu filho da puta!”. Tanto o fato do analista relatar-nos este episódio, quanto os termos do relato, nos dizem que: 1) um analista também tem sentimentos próprios durante uma sessão e pode ser inadequado em sua expressão; 2) o paciente, mesmo sendo esquizofrênico, percebe muito bem tudo isso, ou seja, é capaz de perceber, sofisticadamente, nuances da comunicação humana; 3) o paciente, além de perceber corretamente, também é capaz de sentir e responder de um modo que usualmente consideramos adequado (no caso, com raiva) diante de uma comunicação que é reconhecida como falsa e artificial; 4) do conjunto, o que se destaca é que vemos um fragmento de relação humana, com todas as suas características típicas, o que em nada é alterado pelo fato de um participante ser analista e o outro ser gravemente doente; e, 5) o analista reconhece estes quatro aspectos indicados e, além disto, considera-os tão relevantes a ponto de deverem ser relatados num texto para profissionais<sup>3</sup>.

Esse reconhecimento decorre do fato de que, na clínica, como sabemos, pensamos não só aquilo que o cliente nos comunica como também, o que é de especial importância, pensamos o modo específico e único no qual essa comunicação ocorre, modo esse que faz parte de uma relação na qual tanto analista quanto cliente são, sempre, a cada momento e ao mesmo

---

3. SEARLES, H. F. **Collected Papers on Schizophrenia and Related Subjects**. London: Maresfield Library, 1993, pág. 212.

tempo, agente e paciente. Portanto, a teoria e, mais ainda, a prática da transferência mostram que se o cliente é frágil, por exemplo, em função de sua doença, o analista também o é, no sentido de que a história de cada paciente é não só contada mas também repetida, em cada tratamento e em cada sessão, produzindo-se uma relação na qual ambos são transformados e dentro da qual o analista, nunca, e independentemente de sua vontade, tem uma participação apenas cognitiva. Assim, o melhor analista é aquele que aprende a usar o seu *self* como órgão perceptual<sup>4</sup>. Aquele profissional que usar em sua clínica apenas, ou predominantemente, os aspectos racionais de sua mente, com certeza fracassará.

Porém, se o fato da fragilidade humana deve ser fortemente retomado como tema explícito de estudo na psicodinâmica, esta preocupação, certamente, não é exclusiva desta disciplina. Martha Nussbaum<sup>5</sup> mostra-nos como, na Grécia Clássica, esse tema foi objeto de intensa reflexão e elemento central na fundação do pensamento ocidental. Nussbaum fala-nos sobre como a Lírica Arcaica usava a metáfora do vegetal para pensar a situação humana. A imagem do vegetal como metáfora para a condição humana seria muito tradicional, presente já em Homero<sup>6</sup>. Uma planta pode crescer bela e rica, pode apontar para as estrelas e para os deuses. Mas, para tanto, ela depende de uma série de circunstâncias sobre as quais não tem controle. Depende do solo no qual nasce, depende do sol e da chuva, depende da temperatura, de ser ou não atacada por animais e doenças, de pertencer a uma boa cepa. Assim como a planta, também é o ser humano pode tornar-se um indivíduo excelente em suas qualidades e realizações. Como saber qual é o seu mérito em suas conquistas?

Se por um lado, admiramos a inteligência, a beleza ou o talento artístico de quem os tem, ao mesmo tempo dizemos que estes são dons, o que exclui qualquer atribuição de mérito, embora nem sempre estejamos devidamente atentos a essa simples e importantíssima implicação. Mas os gregos estariam atentos, e muito: saberemos algum dia distinguir entre o que é do mundo e o que é nosso, entre o que conquistamos e o que recebemos, entre o meritório e o dado?

---

4. *id.*, **Countertransference and Related Subjects**. Connecticut: Internat, Univ. Press, 1999.

5. NUSSBAUM M. **The fragility of Goodness-Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy**. N. York: Cambridge Univ. Press, 1986, págs. 1 a 21. Esta referência indica a introdução de um livro que é, todo ele, dedicado a este tema.

6. NUSSBAUM, *ob. cit.*, pág. 422.

Na Grécia Antiga já haveria uma aguda e sofrida percepção de como o ser humano é vulnerável às variações da sorte. A vida de qualquer um de nós, a qualquer momento, pode sofrer as mais radicais transformações em função de eventos absolutamente casuais, imprevisíveis e, então, inevitáveis. Somos permanentemente reféns do contingente. Também nosso senso de valores faz-nos profunda e duplamente vulneráveis: valorizamos intensamente o amor e a amizade, e logo descobrimos que o sofrimento da solidão é maior do que as inevitáveis e penosas dores de amar e ter amigos.

Faz parte do cotidiano vermo-nos numa situação de confronto entre duas alternativas, ambas sendo, ao mesmo tempo, inaceitáveis e inevitáveis. Por exemplo, para um homem é insuportável continuar casado com sua esposa e é igualmente insuportável separar-se de seus filhos. Nussbaum afirma que os poetas gregos reconheciam claramente a grande relevância desse tipo de dilema no conjunto de uma vida humana. A moderna psicodinâmica está absolutamente de acordo.

Os gregos, continua Nussbaum, viam uma e única possibilidade de salvação diante desse quadro: diferentemente do vegetal, o homem possui a razão, a possibilidade de deliberar e de escolher, a capacidade de construir instrumentos que nos protejam de nossa vulnerabilidade. O conhecimento racional, e só ele, salvaria o homem, só a razão possui o poder de conhecer as coisas e de criar formas de intervir no mundo segundo os interesses humanos. Para a fragilidade, a única alternativa é o poder da razão pura e aplicada; pela razão alcançaremos a auto-suficiência no mundo<sup>7</sup>. Em termos os mais gerais, essa esperança foi assumida pela filosofia mas não pela poesia<sup>8</sup>. Na lírica e na tragédia encontramos uma concepção de vida que: 1) vê a fragilidade humana como o fato existencial fundamental; 2) reconhece o problema das obrigações conflitantes como uma questão legítima; 3) percebe a realidade das contingências; e, 4) afirma a importância positiva das paixões e da imaginação na vida adulta e racional.<sup>9</sup> A clínica psicodinâmica entende que a vida certamente é melhor descrita por essa concepção que aqui estamos identificando como “poética”. Mas, para falar

---

7. Ver nota 5 acima.

8. NUSSBAUM, *ibidem*, pág. 3 ssgg.

9. NUSSBAUM, M. **Love's Knowledge: Essays on Philosophy and Literature**. Oxford: Univ. Press, 1990, pág. 14 e ssgg.

sobre a vida humana assim descrita, se não somos poetas mas sim clínicos, ou filósofos, ou qualquer outro profissional cujo objeto seja o humano, que linguagem usaremos?

Em um contexto diferente do nosso, investigando as relações entre filosofia e literatura, Nussbaum defronta-nos com a mesma pergunta: que linguagem usar quando queremos tratar do viver e do sofrer humanos, de nossos dilemas e de nossas angústias?<sup>10</sup> Como expressar a visão de nossa vida neste mundo,

...sua complexidade, seu mistério, seu colorido, sua diversidade, sua surpresa, seus elementos fugazes e inefáveis; (como expressar) nossa admiração e... (nossa percepção da) importância comum dos aspectos particulares? Vivemos como personagens de um enredo ignorado e inescrutavelmente surpreendente, ameaçador e gratificante, tendo que responder criativamente a cada novo evento.<sup>11</sup>

Em particular, teremos que incluir também os fatos do amor e dos sentimentos em geral, os fatos dessa vida emocional que a reflexão científico-acadêmica tantas vezes afirma que devemos ignorar, mas que todos nós sabemos, por um lado, ser inadministrável e perturbadora e, por outro lado, ter um poder determinante em nossas decisões, em nossa avaliação da vida, em nossa saúde, em nosso cotidiano. Poderemos considerar que a linguagem filosófica e acadêmica usual, linear, seca, fortemente baseada na lógica rigorosa e na demonstração exaustiva, seja a melhor alternativa?

Nussbaum leva-nos a considerar, ainda, um outro tema associado: o de que, em um texto qualquer, a relação entre conteúdo e estilo não pode, de forma alguma, ser vista como uma questão menor ou inexpressiva. Assim, um autor que acredite que todos os fatos relevantes do viver humano podem ser estudados em termos estritamente racionais, muito dificilmente escreverá seu texto usando o estilo expressivo de uma obra de literatura. E se ele o fizer, muito provavelmente será acusado de inconsistência<sup>12</sup>. Inversamente, se ao tratar da vida humana um autor escolhe o estilo de um artista literário, percebemos que sua escolha já nos diz algumas coisas sobre o que o autor

---

10. NUSSBAUM, *ibidem*, Introdução.

11. NUSSBAUM, *ibidem*, pág. 3.

12. NUSSBAUM, *ibidem*, pág. 7.

pensa da vida; por exemplo, sentimos que para ele, possivelmente, a vida é algo que se relaciona, de modo importante, com a emoção, com o colorido e com a expressividade.

Para o especialista em psicodinâmica é mais difícil esquecer essas considerações porque ele dispõe da teoria da transferência, que o leva para um certo tipo de prática clínica. Não é a teoria da transferência que nos ajuda, mas sim o uso prático desta teoria, isto é, a percepção clara de que a clínica é, antes de tudo, uma relação humana. Tanto isto é fato, que é comum encontrarmos psicanalistas de temperamento mais teórico produzirem textos que resvalam para o excessivamente conceitual. E também, pior ainda, praticarem uma clínica com a mesma característica. Já o profissional restrito à universidade não tem esse tipo de experiência e, dependendo de suas características pessoais de temperamento, poderá falhar inteiramente em ter uma percepção crítica com relação ao discurso acadêmico “normal”. Entendo este tipo de discurso como aquele predominante nas universidades anglo-americanas<sup>13</sup>; é o discurso que mobiliza, tanto no autor quanto no leitor, principalmente (ou exclusivamente), as funções racionais. Seus critérios principais são a demonstração exaustiva e a articulação rigorosamente lógica, seu estilo nunca é narrativo e, em alguma medida maior, ele se aproxima da linguagem que associamos ao nome “filosofia analítica”.

Em outros países, inclusive no Brasil (mas também nos USA e, fortemente, na França), é comum encontrar um outro tipo de discurso acadêmico que já foi descrito como “pós-moderno”. Trata-se de uma “...corrente intelectual caracterizada pela rejeição mais ou menos explícita da tradição racionalista do iluminismo, por elaborações teóricas independentes de qualquer teste empírico e por um relativismo cognitivo e cultural que trata as ciências como “narrativas” ou como construções sociais, entre outras tantas...”, dizem Sokal e Bricmont<sup>14</sup>.

A “demonstração” de Sokal e Bricmont de fato incomoda, e não pode deixar de causar algum repúdio pelo seu caráter de armadilha. Mas é inegável

---

13. NUSSBAUM, *ibidem*, pág. 8.

14. SOKAL, A. e BRICMONT, J. **Impostures Intellectuelles**. Paris: Ed. Odile Jacob, 1997, pág. 11. Estes autores, ambos físicos, publicaram em uma revista especializada um texto aparentemente de grande complexidade e interesse, mas que era, de fato, uma paródia feita a partir de passagens de obras de importantes intelectuais franceses. O artigo foi recebido com grande excitação por estes mesmos intelectuais e, em seguida, os autores revelaram seu real caráter, para indignação e furor dos que tinham respondido com tanto

que eles conseguiram demonstrar uma questão da maior relevância, e que é também o nosso tema aqui: como falar da vida humana sem desconsiderar o irracional e o inefável, o fascinante e o terrível, que lhe são inerentes? Além destes, já estão indicados outros elementos fundamentais que essa linguagem precisa atender e expressar, e que são características essenciais da vida humana: complexidade, mistério, diversidade, surpresa, admiração, colorido, importância do particular, importância do sentimento em todas as suas qualidades e intensidades. Para ser compatível com uma tal realidade, essa linguagem deverá ser extremamente sensível em seus meios de expressão, deverá ter grande poder de exprimir complexidades, nuances e qualidades. Novamente: que linguagem devemos usar? Existe tal linguagem?

Certamente, não poderá ser a linguagem da lógica rigorosa, da demonstração exaustiva, da precisão máxima. Deverá ser uma linguagem que, sem abdicar da clareza, caracterize-se pelo poder da evocação e da expressividade, pelo poder de mobilizar no autor e no leitor suas diversas funções mentais, e não apenas as funções da racionalidade.

Estudando as relações entre filosofia e literatura, Martha Nussbaum afirma que a linguagem mais adequada para descrever a atividade humana diante das questões éticas da vida não é o discurso filosófico usual, mas, sim, uma linguagem do tipo produzido pelo artista-escritor ao escrever seus romances<sup>15</sup>. Nussbaum argumenta que, até Platão, os poetas eram vistos na Grécia como os principais professores e pensadores quanto à pergunta: “como devemos viver?”<sup>16</sup> responder esta pergunta, considerada como a mais fundamental do pensamento humano, implica algum tipo de concepção, completa ou não, sobre a vida. Nesse contexto, assistir à encenação de uma tragédia não significava buscar uma distração ou uma fantasia, mas engajar-se em um processo comunitário de interrogação, reflexão e sentimento com relação a objetivos cívicos e pessoais altamente relevantes. A idéia da arte pela arte ou da filosofia dissociada do interesse prático e sensível pelo

---

entusiasmo! Neste livro aqui indicado, estes dois autores discutem suas críticas a estes intelectuais (especificamente Sokal e Bricmont discutem os seguintes autores: J. Lacan, J. Kristeva, L. Irigaray, B. Latour, J. Baudrillard, G. Deleuze, F. Quattari e P. Virilio), e reproduzem o referido artigo. Sokal e Bricmont esclarecem que não pretendem discutir a obra destes autores como um todo, mas apenas o uso que eles fazem de formulações e concepções pertencentes às ciências exatas.

15. Ver nota 10 acima.

16. NUSSBAUM, *ibidem*, pág. 15.

humano não existia entre os gregos.<sup>17</sup> Em particular, a concepção de vida vinculada na poesia trágica incluía, essencialmente, o reconhecimento da importância da contingência, a percepção profunda do problema das obrigações conflitantes e o reconhecimento da significação das paixões.

Nesses termos em que se quer usar a razão para investigar a vida humana, porém sem perder nenhum outro elemento do humano, Nussbaum privilegia Aristóteles como um autor que usa uma linguagem convergente com a concepção poética do viver. Essa linguagem possuiria quatro características ou teses principais: não-comensurabilidade das coisas de valor, prioridade da percepção, valor positivo das emoções e relevância dos acontecimentos não-controláveis<sup>18</sup>.

A não comensurabilidade das coisas indica que uma coisa não é uma quantidade diferente de outra, não existe uma grandeza que meça comparativamente coisas e qualidades. Isso torna inevitável a presença de um elemento trágico na vida humana: porque sempre teremos obrigações conflitantes com relação às quais precisaremos fazer escolhas, sendo todas as opções de escolha igualmente insuportáveis; e porque sempre que perdemos algo de valor, essa perda é, essencialmente, irreparável.

Muita importância é dada à capacidade de percepção, entendida como a habilidade de discernir e responder às situações de grande complexidade e sofisticadamente matizadas. Essa capacidade é absolutamente central para a sabedoria prática e pode ser desenvolvida no ser humano pelo contato com uma pessoa experiente, mas não pelo aprendizado de regras ou princípios gerais, já que esta faculdade é exercida no contato com o concreto e o particular, e não com abstrações generalizadoras. Uma pessoa relaciona-se e tem sentimentos para com outra pessoa, não para com uma listagem descritiva e abstrata de suas características.

O mais comum é que as emoções sejam consideradas como irracionais, primitivas, indutoras de erro, etc. Essa visão é radicalmente negada. Emoções não podem ser opostas à razão porque se baseiam na cognição: sentimos raiva, por exemplo, quando entendemos, em nosso pensamento, que estamos sendo ofendidos. Portanto, as emoções têm uma dimensão cognitiva em sua própria estrutura. Por outro lado, é fato que as emoções podem enganar, mas a razão também pode enganar. E, mais ainda, pelo menos em alguns

---

17. NUSSBAUM, *ibidem*, págs. 15-16.

18. NUSSBAUM, *ibidem*, pág. 36 ssgg.

tipos de situações humanas, a resposta emocional é absolutamente indispensável, e mesmo prioritária, para o correto entendimento e resposta discriminada, por exemplo, sempre que entramos em contato com o sofrimento de uma outra pessoa.

Muitas vezes as emoções podem ser os elementos mais confiáveis no processo de entendimento de alguma situação da vida, porque elas implicam em nossos pensamentos e crenças mais fundamentais, que podem ser “esquecidas” na medida em que a ênfase na elaboração puramente racional estimular dissociações em nossos processos mentais, coisa que, como a psicodinâmica conhece bem, é, nestes casos, geralmente inevitável.

Por fim, essa linguagem reconhece a imensa importância do fato de que em toda vida humana, eventos altamente determinantes ocorrem sem que se possa atribuir nenhum mérito ou culpa ao sujeito. Este fato não pode ser relacionado a formas menos racionais, menos maduras, ou menos corretas do pensamento humano: é, rigorosamente, o reconhecimento de uma das situações mais importantes (se não a mais importante) da vida.

Para o especialista em psicodinâmica, o encontro com a linguagem aristotélica assim caracterizada, é um acontecimento de grande importância. De repente, o psicanalista descobre que também a sua disciplina é muito antiga! E é muito sólida, na medida em que algumas de suas idéias fundamentais foram enunciadas já no pensamento que fundou a cultura ocidental. Quando Aristóteles (segundo Nussbaum) enfatiza e torna mais complexa a função da percepção, e afirma que as emoções são elementos inerentes ao processo de conhecimento, sendo que, muitas vezes, são prioritárias, vemos claramente uma antecipação da teoria psicanalítica do campo transferencial-contratransferencial, isto é, uma antecipação da idéia de Searles de que o analista deve desenvolver seu *self* como órgão perceptivo. Por outro lado, a ênfase na dependência do contingente em nada conflita com a teoria da resistência, na medida em que esta teoria privilegia causas internas para as dificuldades humanas; mas, sim – e este é um ponto essencial no estudo da fragilidade humana –, coloca a idéia de resistência dentro de parâmetros mais reais.

Essa linguagem aristotélica, descrita nesses termos segundo Nussbaum, é facilmente reconhecível pelo clínico como a única, dentre as três aqui indicadas, adequada para descrever sua atividade. O clínico sabe que seu cliente, quando fala do que o angustia, precisa, e não apenas deseja, que o profissional reconheça em que medida sua dor é irreparável e muito específica; que perceba tanto a qualidade quanto as nuances de sua

comunicação; que aceite seus sentimentos, principalmente quando o próprio cliente os rejeita, e que saiba compreender, em profundidade, tanto sua impotência quanto suas esperanças com relação à sua vida.

### BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Alcione. **Nem mesmo todo o oceano**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

KUNDERA, M. **A arte do romance**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

NUSSBAUM, M. **The Fragility of Goodness: Luck and ethics in greek tragedy and philosophy**. New York: Oxford University Press, 1986.

. **Love's knowledge: Essays on philology and Literature**.

New York: Oxford University Press, 1990.

SEARLES, H. F. **Collected papers on schizophrenia and related subjects**. London: Maresfield Library.

. **Countertransference and related subjects**. Connecticut: International University Press, 1999.

SOKAL, A. B e BRICMONT. J. **Impostures intellectuelles**. Paris: Editions Odile Jacob, 1997.